



AS ARTES NO CAMPO CIENTÍFICO BRASILEIRO: O PROCESSO DE INSERÇÃO DA ÁREA JUNTO AO CNPQ, NO SISTEMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (CAPES) E A CONSTRUÇÃO DA ANPAP

Maira Xavier Cruz

Resumo: Este trabalho traz resultados parciais de pesquisa de mestrado concluída. Recupera o histórico de lutas e conquistas da área de Artes, em busca de sua inclusão no campo acadêmico-científico e para obter, par a par às demais áreas do conhecimento, reconhecimento por parte das agências de fomento e avaliação de pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também analisa o processo de institucionalização da área de Artes na forma da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP (1987), associando-a à sua inserção no sistema nacional de Pós-Graduação. Discute dados que permitem compreender que a pesquisa e a produção de conhecimentos em Artes pressupõem espaços que há poucas décadas começaram a se estabelecer, como foros organizados e formais, estruturando uma comunidade de pares que, no seu início, tinha escassa consciência de sua condição.

Palavras-chave: Arte, Campo Científico, Pesquisa em Arte, Pós-graduação

O processo de inclusão, conquistas e legitimação das Artes nos diversos campos sociais, envolve diferentes sujeitos e espaços. Entendemos ser viável, e de interesse para a área, observarmos a sua construção histórica, no que à produção de conhecimentos científicos em Artes se refere. A inserção da área nas universidades, a criação de associações e seu reconhecimento por parte dos órgãos de fomento à pesquisa, tais como, o CNPq, a CAPES, e também a sua institucionalização, enquanto comunidade de pesquisadores, na ANPAP. Estes desenvolvimentos tem por objetivo discutir o papel das Artes e o lugar que ocupam no cenário da ciência brasileira.

Autores como Bourdieu (2009), e Zamboni (2008) são considerados para compreendermos as relações que se estabeleceram no processo de inserção das Artes no espaço social da pesquisa científica. Pois a pesquisa e produção de conhecimento em Artes pressupõem espaços conquistados e organizados a poucas décadas no Brasil. Mas, acima de tudo, compreendemos que a posição daquele que trabalha com Artes envolve resistência e luta não só para que as portas se abram, mas também para que não se fechem, deixando-a do lado de fora.

No processo de institucionalização da pesquisa em Artes, alguns acontecimentos e datas são pertinentes para que se possa visualizar como se insere a arte no sistema universitário brasileiro. De modo geral, as Artes Plásticas¹ receberam em seu início influência por parte de docentes estrangeiros, tais como Lévi-Strauss², Roger Bastide e o Jean Maügué, professores franceses que lecionavam já em 1934 na recém aberta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP. Esses nomes despertam nos estudantes grande interesse pelas artes, muito embora nessa época o corpo docente não incluísse artistas. Outros espaços também abrigavam a Arte, por exemplo, a disciplina de História da Arte, (em caráter optativo) no Departamento de História - ECA/USP, e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (mas, muitos anos depois).

Por um longo período a comunidade artística aspirou criar, no Brasil, um instituto de Artes, mas seu início e prolongamento deram-se sempre de forma compartilhada com outros campos de conhecimento, como os exemplificados acima, na ECA. O que trouxe alguns problemas, segundo Zanini (2008), já que esses campos onde a arte de alguma forma se fazia presente no meio acadêmico, como na disciplina de História da Arte, utilizava-se de métodos da história. Conforme Zanini (2008), a arte estava se “distanciando dos paradigmas de sua pesquisa e comunicação” (ZANINI, 2008, p. 34).

Se considerarmos as iniciativas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP (1934) em referência à área de Artes, constata-se que seu ensino seria sistematizado, de maneira mais próxima à sua especificidade, somente trinta e seis anos depois, com a criação da Escola de Comunicações e Arte (ECA), também da USP (1970).

Uma das implicações do contexto da época era a existência de pouquíssimos pesquisadores com formação específica no exterior, principalmente no que tange às Artes Plásticas. Havia muitos artistas com formação no exterior, mas não pesquisadores em Artes.

¹ A Arte é designada por inúmeras nomenclaturas no mundo erudito brasileiro (inclusive antes da criação das universidades). Fundada oficialmente em 1816 durante o Brasil colônia, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, foi fundada sob orientação da missão Artística Francesa. Com o advento da Independência do Brasil (1822), esta passou a ser denominada como Academia Imperial das Belas Artes, implantando-se a educação Artística. Em 1890 ela foi transformada na Escola Nacional de Belas Artes, integrando-se à Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ (que fora criada em 1937). Em 1965 teve o seu nome novamente alterado, quando passou a chamar-se apenas Escola de Belas Artes atualmente, uma unidade do Centro de Letras e Artes, a escola já foi chamada por diversos nomes e funcionou ora como instituição independente ora integrando outras instituições. Desde sua fundação, sua história reflete as transformações registradas pela História do Brasil.

² O período de 1934 na FFCL trouxe a contribuição de muitos professores estrangeiros. Entre eles, Lévi-Strauss, antropólogo, professor e filósofo francês. No Brasil, Lévi-Strauss lecionou sociologia na recém-fundada Universidade de São Paulo (1935 a 1939), e fez várias expedições ao Brasil central, como também nos Estados Unidos, estudando o comportamento indígena e a sua organização social. Nos seus estudos funda a antropologia estruturalista (1950) sendo considerado um dos grandes intelectuais do século XX. Além de Lévi-Strauss outros professores estrangeiros contribuíram para a qualidade do ensino universitário brasileiro.

Na falta de um departamento próprio, a disciplina que mais se aproximava do conhecimento específico permaneceu durante muito tempo sendo a disciplina de História da Arte, cujas integração e ampliação ocorreram por intermédio da Escola de Comunicações Culturais (ECC), criada em 1966, logo, um pouco anterior à ECA, que sob um diversificado rol de conhecimentos cresceu iniciativas em torno do Cinema e das Artes Cênicas e, com maior desenvoltura, no curso de Educação Artística³ (1971).

Para Gilberto Prado⁴, a Universidade de São Paulo (ECA-USP), em 1970, “[...] era um dos grandes centros de produção e difusão de conhecimento, no Brasil e internacionalmente. O modelo de pós-graduação com mestrado e doutorado, ainda único na época, foi uma das referências iniciais em todo o país no campo das Artes” (PRADO, 2009, s/p.).

Em sua exposição, o professor Gilberto Prado elucida que a primeira pesquisa⁵ em Artes data de 1972, quando da criação do primeiro curso de graduação em Educação Artística - ECA/USP. Em 1974, abriu o primeiro mestrado em Artes na ECA/USP e, em 1980, o primeiro doutorado em Artes também na ECA/USP (PRADO, 2009).

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, a área de Artes teve um desempenho que pode ser considerado incipiente no meio acadêmico. Se os primeiros doutores em História da Arte, em Filosofia da Arte ou em Estética formaram-se há varias décadas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP (1934); na área de Poéticas Visuais, por exemplo, o primeiro título de doutor outorgado no Brasil data do início de 1980, pela USP, ou seja, há apenas 30 anos. Se acrescentarmos a esses dados que no mesmo contexto já encontrávamos as principais agências de fomento à pesquisa e à formação de recursos humanos (CNPq e CAPES), ambos atuantes desde 1951, essa espera, em termos de qualificação e produção de pesquisa, se quantificada, representa 32 anos de distanciamento. Entretanto, a

³ O curso de Educação Artística teve seu início pela Lei Federal nº 5.692, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1971, dispondo da obrigatoriedade do ensino de Artes nas escolas primárias e secundárias (1º e 2º graus) no Brasil. Incorporada na educação escolar como “atividade artística” sua ênfase se deu no processo expressivo e criativo (concepção humanística), muito embora seu currículo propusesse atividades voltadas à pedagogia tecnicista e profissionalização, de acordo com a concepção educacional que vigorava no país. O ensino da arte era dessa forma centrado em técnicas e habilidades, se contornos fixos, causando a fragmentação desse ensino. Neste mesmo período, de forma informal, multiplicava-se o Movimento das Escolinhas de Arte, onde Augusto Rodrigues torna-se elemento fundamental no movimento Educação pela Arte -MEA, de 1948, inspirado nas idéias de Herbert Read (1926), que enfatizava a liberdade de expressão e educação dos sentidos. Essas variadas formas de pensar o ensino da arte e seu processo de ensino e aprendizagem compuseram no que alerta Barbosa de uma anemia teórica, apresentando como resultados uma prática diluída e dicotomizada nos seus fundamentos (FUSARI e FERAZ, 2001).

⁴ Coordenador do PPG Artes Visuais (2002 a 2006), professor do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP, em artigo sobre Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA-USP (2009, s/p).

⁵ De lá para cá, vem sendo criados outros cursos, atingindo em 2012 o número de 54 cursos em 38 programas.

institucionalização da pesquisa na universidade, por meio da estruturação de um sistema de pós-graduação nacional é também recente. CAPES e CNPq foram fundados há mais de meio século. Mas suas funções eram bastante diferentes das atuais.

A criação do CNPq na década de 1950 tinha o sentido principal de fortalecer a defesa nacional, contexto no qual a física nuclear e as ciências exatas eram tidas como metas prioritárias para o processo de desenvolvimento da nação. Entre 1930 e 1964, diante do processo de industrialização e urbanização, havia a necessidade de formação de especialistas e pesquisadores nos mais diversos ramos de atividade, cientistas qualificados em física, matemática e química; técnicos em finanças e pesquisadores sociais (MACHADO; ALVES, 2005).

O que podemos perceber é que, de modo geral, na sua história, a política de Ciência e Tecnologia praticada pela CAPES e o CNPq priorizava as Ciências Exatas, sob reformulações das políticas setoriais, inclusive subordinadas diretamente à Presidência da República, o que implicava em ações que ora se direcionavam para determinados campos políticos e institucionais ora para a política de ensino superior e a ciência e tecnologia. Com isso, modificam-se também as suas atribuições e os meios orçamentários, bem como a qualificação do corpo docente das universidades brasileiras.

Por conta disso, os investimentos para as ciências humanas e sociais demandaram mais tempo para o seu surgimento. A partir de 1968, começam a surgir financiamentos para as ciências da sociedade, sinalizando a possibilidade de expansão destas áreas de conhecimento, diante da institucionalização da Pós-graduação no Brasil. Conseqüentemente, a comunidade de cientistas sociais se amplia, se diversifica e qualifica com a titulação acadêmica nos Mestrados e Doutorados (MACHADO; ALVES, 2005).

Com a mudança de governo, em 1995, a CAPES passa por uma reestruturação, e se fortalece como instituição responsável pelo acompanhamento e avaliação dos cursos de Pós-Graduação *strictu sensu* brasileiros. Esses fatos permitem uma melhor compreensão histórica do processo que levou à criação do Programa Básico de Artes na CAPES e no CNPq. Muito embora a origem destas duas agências estivesse vinculada à promoção do desenvolvimento científico em todos os domínios do conhecimento, o que incluía as ciências Humanas e Sociais, na prática, os financiamentos eram escassos para estas áreas.

Se a *grosso modo* o sistema de Pós-graduação (*stricto sensu*) tem em nosso país pouco mais de 40 anos, foi só nos últimos 15 que seu impacto em termos de produção científica se tornou significativo. De modo que, pode-se pensar que as Artes estão defasadas, e de certa forma é um fato, porém o distanciamento no tempo não é tão grande quanto parece.

O fato de não haver, no CNPq, uma representatividade da área específica de Artes dificultou a compreensão, por parte das demais áreas com maior tradição, acerca da natureza da pesquisa científica em Artes. E em parte⁶, essa percepção é verdadeira, como revela Zamboni.

Para Walter Zanini⁷ (2008), nesse mesmo período, coube à ECA-USP inaugurar uma etapa que modificaria sensivelmente o quadro de estudos e pesquisas das artes no Brasil. Muito embora a tentativa de inserir as Artes no mundo acadêmico tenha tido seu início na USP, a intenção só se concretiza, de forma bastante incipiente, três anos depois, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1937.

Mesmo que parcialmente, observadas algumas inserções da arte no mundo universitário “uspiano”, esses fatos revelam que, até a década de 1970 e o começo dos anos de 1980, muito lentamente as Artes (compreendendo-se aqui Música, Cênicas, Artes Plásticas e Artes Visuais) articulam seu espaço no universo dos saberes universitários, em uma tentativa de afirmação de seu valor, confrontando-se com outras áreas do conhecimento extremamente incentivadas e valorizadas. Questiona-se, desse modo, o desenvolvimento tardio⁸ da pesquisa em arte, de modo geral, no campo acadêmico brasileiro, se comparado com outras áreas do conhecimento. Sobretudo se reconhecermos que a universidade tem o papel de ser um espaço intelectual, destinado à transmissão do saber e do conhecimento.

A INSERÇÃO DAS ARTES NAS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO CNPQ E O NASCIMENTO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO (CAPES)

A participação de Silvio Perini Zamboni foi fundamental no processo de conscientização da área de Artes junto à comunidade científica e artística em nosso país. Ele foi um dos personagens que articulou, junto às comunidades científica, acadêmica e artística, o “nascimento institucional” da pesquisa em Arte, preocupando-se ou ocupando-se com o seu processo de consolidação, tanto com a inclusão da área de Artes junto ao CNPq, quanto com a

⁶ Porém, é importante saber também que a própria instituição universidade é tardia no Brasil. Como vimos a própria USP, prestigiosa e tradicional universidade brasileira foi fundada na década de 1930. E o primeiro Programa de Pós-graduação brasileiro foi criado em 1969. Sendo assim, o retardamento das Artes para institucionalizar a pesquisa e formação pós-graduada tem que ser relativizado, e não é tão significativo como parece.

⁷ Historiador e crítico de arte, ele foi o primeiro diretor do Museu de Arte Contemporânea (MAC/USP), também curador de duas edições da Bienal de São Paulo, fundador e primeiro presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).

⁸ Considerando-se a curta história das instituições de ensino superior no Brasil, e comparando-as com a cronologia da pós-graduação no Brasil, verificamos que tem mais de 40 anos. A ANPEd completou 30 anos recentemente.

fundação da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Dessa forma, a institucionalização do fomento às Artes, no âmbito do CNPq e a criação de associações da comunidade científica e pesquisadores nas diversas subáreas das artes são fatos de importância decisiva no desenvolvimento e reconhecimento da área como pesquisa.

Conforme Zamboni, em meados de 1980 o CNPq não dispunha de uma área de Artes, e as pesquisas acabavam por ampliar o volume de trabalhos junto às Ciências Humanas e Sociais. Muitos trabalhos chegavam ao CNPq, às vezes mal formulados, em parte devido ao pouco conhecimento dos procedimentos necessários para solicitar auxílio à referida agência. Também, porque em grande parte os solicitantes não respondiam ao perfil científico e tecnológico atendido pelo CNPq; ou por falta de tradição e recursos humanos capacitados na área, o que acabou por determinar a precariedade inicial das atividades de pesquisa em artes.

Esse fato chamou a atenção do corpo técnico e de dirigentes do CNPq, entre eles o presidente do CNPq, na época, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, o então Superintendente de Desenvolvimento Científico, Marcos Formiga, e o Coordenador da área de Humanas, o antropólogo George Zarur. Zamboni, funcionário técnico de Ciência e Tecnologia - C&T - foi então convidado a dedicar-se à formação e criação da área de Artes no CNPq.

Zamboni (2008) relata que havia o interesse em se criar a área de Artes, e para tal foi feito um trabalho de conscientização, de sensibilização e mobilização da comunidade artística (artistas), por meio de várias reuniões, nas variadas cidades do Brasil. Foi todo um trabalho de promoção às Artes, inclusive nos programas de pós-graduação de Artes.

Chama a atenção o fato desse técnico ter sua formação vinda da agricultura, como também a influência que já possuía da área artística, visto que se dedicava à pintura nas horas de lazer, inclusive com algumas exposições de seu trabalho. O que se percebe é que nesse momento foi importante sua aproximação às atividades artísticas e o empreendimento de uma gestão que interessava olhar às artes como área a ser oficializada. Conforme explica Zamboni (2008, p. 98):

Quando, em 1993, fui convidado pelo CNPq para construir o embrião de uma área de artes, esta não tinha existência oficial nem formal no conselho. Sua existência para o órgão vinha embalada numa aura de clandestinidade. Não existia um espaço físico, uma pasta, uma rubrica sequer para receber as solicitações que lá chegassem na época. Os raros projetos que por ali apareciam eram julgados por assessores de outras áreas, normalmente por aqueles que, movidos talvez pela proximidade de interesse ou por uma simpatia, aceitavam acolher o processo de examinar o mérito.

Com o intuito de aumentar a demanda por auxílio no CNPq e torná-la significativa, foi efetuada certa pressão às universidades e faculdades com Departamentos, professores e pesquisadores de Artes; Zamboni fez um trabalho inicial para que se enviassem cada vez mais solicitações ao órgão. E diante da crescente demanda de recursos para pesquisa, finalmente o assunto entrou em pauta em uma reunião no Conselho Deliberativo. Sob muita discussão e polêmica, diversas opiniões foram contrárias e somente com interferência do então presidente do CNPq, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, é que as Artes foram oficializadas dentro da instituição.

Iniciava-se para Zamboni (2008, p. 99) uma etapa que seria a criação de uma associação que respaldasse as pesquisas em Artes, para evitar o risco de a área perder a sua especificidade. Conforme esclarece Zamboni: “Uma vez reconhecida à área, entendi ser de proveito urgente embarcar na oficialidade recém admitida, aproveitando a maré a nosso favor, para iniciar um trabalho digamos de consolidação da área então fundada” (ZAMBONI, 2008, p. 99).

Na ideia de construir uma associação que reunisse vozes e esforços dos pesquisadores, realizou-se uma primeira reunião em Brasília, onde seria mais tarde, no mesmo ano, em 1987, instaurada a fundação oficial da ANPAP.

Contudo, sendo a comunidade de artes uma das últimas a se organizar como associação formal, muitos problemas apontados por Zamboni acompanharam a sua fundação. Dentre eles, podemos destacar a dificuldade de normatização das pesquisas que tratam do fazer artístico, a subjetividade dos resultados das pesquisas em artes, o baixo número de profissionais titulados, a falta de critérios específicos para avaliação das pesquisas, a falta de compreensão, por parte dos associados, sobre a função de uma associação de pesquisadores ou, conforme o Zamboni (2008, p. 100): “[...] a falta de politização dos pesquisadores da área”.

Entretanto, atualmente muitas dificuldades foram enfrentadas, e outras superadas no que se refere à organização da associação nos últimos quatro anos, pela organização das publicações dos anais, apresentação das informações no *site*, registro das memórias, avaliação dos comitês e participação de programas de Pós-graduação na área. Muito embora essa visibilidade ainda não seja efetiva nas interfaces com outras associações e no próprio ensino da Arte.

Para Zamboni, diante da consolidação da área no CNPq, e da fundação da ANPAP, permanece em aberto outra importante questão: o que é pesquisa em Arte? Em entrevista feita com Zamboni por Caixeta (2007, p. 45), o primeiro afirma:

O que é pesquisa, o que é boa pesquisa, o que não é boa pesquisa? Este foi o grande desafio naquele momento determinado. Precisava de pesquisa. A demanda grande não queria dizer nada, foi interessante até politicamente, para forçar a questão da formação da área no CNPq. Agora, o que eu estava pretendendo lá era fazer uma área, evidentemente, a mais séria possível. Uma área engatinhando na pesquisa. Os artistas sempre foram muito atuantes, mas, na ciência e tecnologia, eram totalmente despreparados, não sei se é esse o termo ideal, faltava um engajamento enquanto uma classe de pesquisadores. Então, era fundamental você ter critérios, e os mais claros, definidos e rígidos, possíveis, para você fazer daquela área nascente uma área respeitável, do ponto de vista científico.

Convém reforçar que é justamente nesse ponto a importância que percebemos da ANPAP, sobretudo quanto à representatividade dessa nova categoria, ‘pesquisador em arte’, que precisa interagir fortemente dentro e entre as comunidades de pares. De outra forma, pode incorrer em beneficiar somente grupos isolados. As questões de falta de politização da área e da necessidade de construir critérios adequados e diferenciados à área, constituem um dos papéis da ANPAP para essas comunidades de pesquisadores e no geral para as artes.

Uma vez consolidada a área de Arte, as questões que remetem à pesquisa científica em arte acabam por articular-se formalmente no espaço de duas agências de fomento, como a CAPES e o CNPq. E essas duas agências são os órgãos de fomento que impulsionam o desenvolvimento dos Programas de Pós-graduação - PPGs, influenciando a qualificação profissional e a pesquisa.

Nesse sentido, torna-se significativo examinarmos alguns bancos de dados, a fim de mapear, junto à CAPES e ao CNPq, de que maneira se inserem as Artes no sistema de Pós-graduação e pesquisa nacional, como área de produção de conhecimento. A CAPES e o CNPQ classificam os programas em nove grandes áreas, fazendo parte as Artes de uma destas grandes áreas em compartilhamento com Linguística e Letras (a nona área). Ou seja, na tabela da CAPES, encontramos como Linguística, Letras e Artes.

Essas áreas foram instituídas como forma de atender à necessidade de organização do processo de avaliação e fomento realizado pela CAPES, uma vez que é a partir da configuração da Tabela de Áreas de Conhecimento que são organizadas as Áreas de Avaliação da CAPES. Verificando a distribuição de Programas e cursos de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) entre as nove grandes áreas de conhecimento disponíveis no *site* da CAPES encontramos dados significativos, que organizamos sob forma de tabela, para observarmos sua distribuição e as diferenças na produção técnico-científica brasileira.

Constatamos pela Tabela 1 que a grande área de Linguística, Letras e Artes é a que tem menor número de programas: 161 (o que representa 5,4 % do total de programas

brasileiros). Em contraste, vemos que é grande a área das Ciências da Saúde e a que tem maior número de programas e cursos: 484 (três vezes mais e 16% do total de programas).

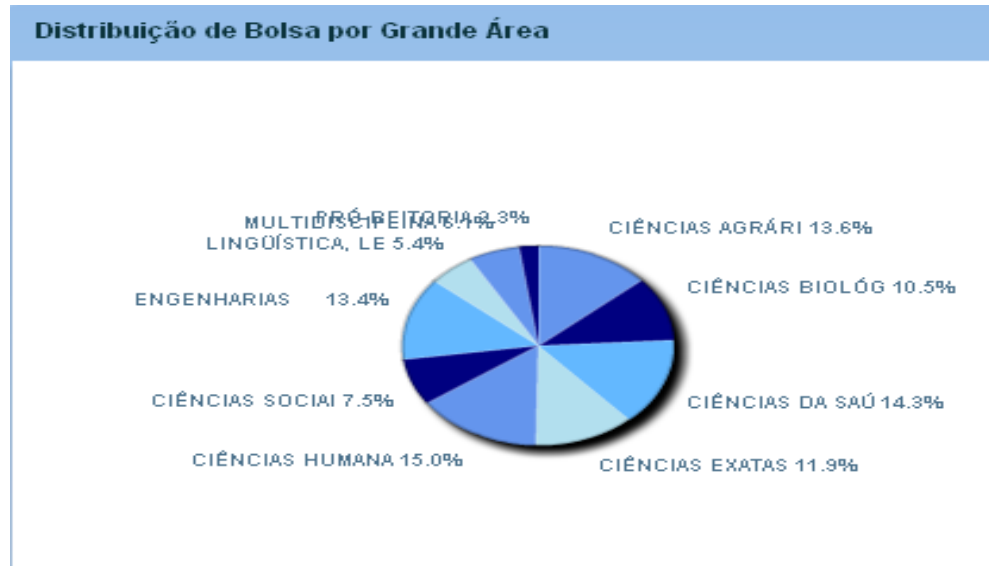
TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DE PROGRAMAS E CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA CAPES

CURSOS RECOMENDADOS E RECONHECIDOS PELA CAPES	
GRANDE ÁREA	Programas e Cursos de Pós-graduação
	Total
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	322
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	237
CIÊNCIAS DA SAÚDE	484
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	278
CIÊNCIAS HUMANAS	406
CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	376
ENGENHARIAS	328
LINGUISTICA, LETRAS E ARTES	161
MULTIDISCIPLINAR	336
BRASIL	2.928

Fonte: CAPES 2010

Na apreciação da distribuição de PPGs por área de conhecimento, é importante analisar a distribuição de bolsas entre essas diferentes áreas. No Gráfico 1 (CAPES), a área de Linguística, Letras e Artes tem o percentual de 5,4% relativo à distribuição de bolsas e auxílios, considerando-se que se trata da menor área e que é compartilhada com Linguística e Letras.

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS POR GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO



Fonte: CAPES 2010

Segundo Lívio Amaral (2009), diretor em exercício da CAPES em novembro de 2010, um dos maiores desafios e diretrizes que o órgão enfrenta é mudar o mapa da Pós-graduação brasileira, superando assimetrias regionais e desequilíbrios para o avanço do setor.

Quando o diretor da Capes se refere à desigualdade de distribuição de programas de mestrado e doutorado entre as regiões do Brasil, aponta que um Estado como São Paulo, por exemplo, possui 650 programas de Pós-graduação, enquanto diversos Estados das regiões Norte e Nordeste não chegam a ter dez cursos. De acordo com Amaral, isso influi diretamente na produção técnico-científica brasileira: “Mais cursos de pós significa mais produção de conhecimento e de ciência e tecnologia” (AMARAL, 2009). Amaral mostra como o sistema público ainda é o principal responsável pela Pós-graduação no país, com as instituições federais e estaduais sendo responsáveis por mais de 80% dos cursos de mestrado e doutorado.

Essa ponderação mostra que estamos diante de uma conjuntura e de uma realidade distinta, com um nível de complexidade que exige instrumentos adequados ao atendimento de suas múltiplas faces. O certo é que também a atuação da Capes merece ser examinada, à medida que não conseguiu ainda fazer frente ao que seu diretor chama de assimetrias regionais.

No Quadro 1, mostramos as grandes áreas, conforme a classificação da CAPES e do CNPq. Podem ser observadas três colunas. A nomenclatura em vigor é praticamente a mesma usada pelos dois órgãos. Porém, a terceira coluna mostra uma proposta nova, que além de modificar os nomes, cria mais 21 novas áreas, que estão listadas logo abaixo do quadro.

QUADRO 1: GRANDES ÁREAS (NOMENCLATURA)

CAPES	CNPQ	NOVA VERSÃO CNPQ
Ciências Agrárias	Ciências Agrárias	Ciências Agrônômicas e Veterinárias
Biológicas	Ciências Biológicas	
Da saúde	Ciências da Saúde	Ciências Médicas e da Saúde
Exatas e da Terra	Ciências Exatas e da Terra	Ciências Matemáticas e Naturais
Humanas	Ciências Humanas	
Sociais Aplicadas	Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Socialmente Aplicáveis
Engenharias	Engenharias	Engenharias e Computação
Linguística	Linguística	Linguagens e Artes
Letras e Artes	Letras e Artes	
Multidisciplinar	Outros	

Fonte: CAPES 2010

Uma versão preliminar de classificação de novas áreas do CNPq (aguardando aprovação) cria 21 novas áreas, a saber: 1) Arquivologia, 2) Artes Cênicas, 3) Artes Visuais, 4) Biblioteconomia, 5) Bioética, 6) Ciências Atmosféricas, 7) Contabilidade, 8) Dança, 9) Engenharia Cartográfica e de Agrimensura, 10) Engenharia Têxtil, 11) Estatística, 12) Geofísica, 13) Geologia, 14) História do Conhecimento, 15) Informática em Saúde, 16) Literatura, 17) Mecatrônica e Robótica, 18) Música, 19) Neurociências, 20) Relações Internacionais, 21) Saúde Pública.

Essa nova proposta do CNPq existe desde 2005 (uma outra classificação⁹), em versão preliminar, visando reestruturar algumas das grandes áreas do conhecimento e suas especialidades, que no caso alteraria a área de Artes na classificação das áreas do conhecimento, salientando-se que essa reformulação ainda não está em vigor (ao menos ainda não aparece na página do CNPq como sendo a oficial).

No que tange a essa outra versão (disponibilizada no site), nas principais alterações propostas, as grandes áreas do conhecimento sofreriam mudanças quanto às especialidades, passando de 865 (atuais) para mais de 1.400, como também novas modificações para Artes. Com a grande área, Linguística, Letras e Artes, passaria a ser designada (na nova reformulação) como *Linguagens e Artes*, e suas áreas ampliadas de três para sete, sendo destas sete, três voltadas para a Linguagem e quatro para as Artes.

O número de subáreas ficaria ampliado de 26 para 54. Essa modificação poderia resultar em maiores ganhos para os estudos específicos sobre esses objetos, seus métodos e maior impulso em pesquisas nestas especialidades, até então dispersas noutras áreas, como no caso da Dança, da Música, da Arquivologia e outros.

⁹ Em 2005 foi organizada uma Comissão Especial de Estudos, nomeada pelo CNPq, CAPES e FINEP para propor uma Nova Tabela das Áreas do Conhecimento. Contudo essa nova versão ainda consta como versão preliminar.

Conclui-se, a *grosso modo* que, se o sistema de Pós-graduação tem, na história da produção científica brasileira quase meio século, no caso das Artes, há uma defasagem cronológica. Contudo, diante dos progressos quanto à institucionalização das Artes, no âmbito do CNPq e na organização de comunidades científicas de pesquisadores das mais variadas subáreas da arte, estes fatos renovam-se e ganham sustentação. O fato de termos associações organizadas, produzindo conhecimento em Artes vem representando um impulso considerável à organização das comunidades artísticas, na produção de pesquisas e no fortalecimento de programas de Pós-Graduação no país.

REFERÊNCIAS

ANPAP: Banco de dados. Disponível em:< www.anpap.org.br> Acesso em 10 julho. 2010.

AMARAL, L. Assessoria de Imprensa da Capes. Disponível em:< www.capes.gov.br - 46 áreas do conhecimento>. Acesso em: 15 agosto 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 12ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CAIXETA, Viviane Ferreira. **A institucionalização do Fomento à Pesquisa em Artes no CNPq: o programa Básico de Artes**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, UNB, 2007. Disponível:< repositorio.bce.unb.br/.../4905/.../2007_VivianeFerreiraCai xeta.pdf> Acesso em 10 julho. 2010. CAPES: Banco de dados. Disponível em:<

www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/I_PNPG.pdf>. Acesso em 20 julho. 2010.

FUSARI, Maria Felismina de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, A. M. N.; ALVES, V. M. Caminhos ou (des) caminhos da Pós-graduação *stricto sensu* em Educação no Brasil. **25^aANPEd/GT 11. Caxambu: ANPEd, 2005.**

PRADO, Gilberto. **Breve relato da Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA-USP**. ARS, São Paulo, vol 7 n. 13. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678...script=sci>> Acesso em 20 julho. 2010.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. 2^a ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Os últimos vinte anos da área de artes plásticas no Brasil: algumas impressões e comentários. In: OLIVEIRA, Sandra; MAKOWIECKY, Sandra (Org.). **Uma história da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Florianópolis: UDESC, 2008. p. 98-102.

_____. Alguns fragmentos da história das artes Plásticas no Brasil (1993-1995). In: OLIVEIRA, Sandra; MAKOWIECKY, Sandra (Org.). **Uma história da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Florianópolis: UDESC, 2008. p. 54-63.

ZANINI, Walter. Elementos sobre a pesquisa em Artes Plásticas no Brasil e ANPAP (1987-1989). In: OLIVEIRA, Sandra; MAKOWIECKY, Sandra (Org.). **Uma história da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Florianópolis: UDESC, 2008. p. 33-38.